

Esta é – não tenho dúvida - a cerimónia mais importante do ano das muitas que foram acontecendo neste magnífico Salão Nobre.

Aquela que melhor representa este Tribunal, aquela que melhor expressa a nossa identidade, o que significa trabalhar nesta Casa.

Por isso, embora entre Colegas e Amigos, entendi que alguma solenidade, ainda que informal e amena, se impunha, optando por escrever algumas palavras que transmitam, desejavelmente num estilo mais apurado, esta emoção partilhada a qual se identifica com um sentimento de profundo reconhecimento a todos e cada um de vós, Colegas Jubilados.

É essencial que saibam o muito que representam para o Tribunal da Relação do Porto.

A vossa dedicação prologada no tempo, discreta, serena, inquebrantável, o vosso empenho a uma profissão única, especial, a de ser juiz, engrandeceu, sobremaneira, a causa pública.

Montesquieu afirmava que o poder de julgar era um poder terrível que ao juiz sempre deve assustar; o poder judicial, mais do qualquer outro poder do Estado, é sempre um poder do Homem sobre o Homem, implicando diretamente com a liberdade, a fazenda, a reputação do nosso semelhante, aquela pessoa concreta.

Por isso, no final de uma carreira ao serviço da comunidade, “em nome do povo” como proclama a norma constitucional, é bom termos esta oportunidade de estarmos juntos, de vos aplaudir por terem superado essa exigência imensa, dizendo ainda todos, num registo pessoal, o quanto gostamos de vocês, o quanto estamos agradecidos, gratos.

Festejamos hoje 14 histórias de sucesso, de realização profissional, de admiração manifestada pelos seus pares, de serviço à cidadania.

Isso bem o sabemos!

Iniciando as respetivas carreiras em comarcas com desafios tão díspares, cultural e socialmente, como Montalegre, bem a norte, ou Alcácer do Sal, já no Alentejo, como ocorreu com os nossos António Eleutério e Joaquim Correia Pinto, presidindo a comarcas da primeira instância como a Armanda Gonçalves, dedicando boa parte da carreira, na primeira instância, à jurisdição laboral como o José Bernardino de Carvalho, ou nas duas instâncias no caso da Fernanda Soares, ou à de Família e Menores como a Maria Ermelinda Carneiro, exercendo a jurisdição também na área administrativa como o nosso colega, escritor de créditos firmados, Carlos Querido, lidando com as idiossincrasias locais na Madeira como a Maria do Carmo Domingues, trabalhando nas comarcas do Minho, Braga, Esposende, como o Estelita de Mendonça, juiz por vários anos, no longínquo Macau, como o João Gil de Oliveira, professora em Vilar do Andorinho antes do ingresso na magistratura como a Manuela Paupério ou representante do Ministério Público, em Vouzela, como o Vítor Morgado, percorrendo as comarcas do litoral do Grande Porto, Póvoa de Varzim e Vila do Conde, como o Evaristo Vieira, ou trabalhando nas diversas jurisdições cíveis aqui no Palácio, como o Amaral Ferreira, todos vocês, numa missão que construíram elevada, singular, constituem, com alegria, o nosso orgulho, o orgulho do Tribunal da Relação do Porto.

Vidas profissionais ricas, complexas; exemplares. E como explica o filósofo AlbertSchweitzer, o exemplo não é a melhor maneira de influenciar os outros - é a única.

Gostaria de terminar sublinhando um aspeto essencial que esta cerimónia materializa.

O da renovação e da esperança.

O evento constitui, seguramente, um tributo sentido e reverente ao passado, felicitando aqueles que agora se jubilam. Nele, porém, coabita, paredes meias, uma mensagem de alegria e de futuro.

Como dizia um Colega nosso, há uns dias atrás, talvez que a comarca mais presente na nossa memória coletiva seja a comarca de ingresso perante a ilusão, a curiosidade maravilhada que significa iniciar uma profissão.

Porque, nos revemos no vosso percurso e porque nele encontramos a chave para o que ainda nos espera, sabemos, de certeza certa, que sois a resposta – a boa resposta – também para os colegas que agora iniciam a carreira, lá longe, na pequena comarca de ingresso.

Pela vossa forma de estar na magistratura, pelo empenho entusiasmado com que souberam, dia sim, dia sim, vencer as dificuldades, muitas, de uma profissão tão exigente.

Convosco continuaremos a aprender o trilho certo. Convosco continuaremos a viver as leis da Física que nos ensinam não existir, afinal, qualquer diferença entre Passado e Futuro.

Aprendendo o futuro que no passado aconteceu, saberemos vislumbrar os horizontes primaciais, aqueles que nos definem. Como melhor escreve Machado de Assis, dois horizontes definem as nossas vidas, a saudade do que não há-de voltar e a esperança do que está a chegar, habitando a realidade das ilusões do futuro.

Essa ilusão de futuro está inscrita, definitivamente, com letras de ouro, no vosso percurso e é com ela que, confiante, fraternalmente vos saúdo.

*José Igreja Matos*